



**Nas histórias narradas nas telas, o incômodo que está na
sala:**

**Jornalistas de TV e o desafio do exercício da profissão na
cobertura da pandemia de COVID-19**

Prof. Dra. Vanessa Maia Barbosa de Paiva¹

Professora/Pesquisadora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ/MG.
Coordenadora do Laboratório de Televisão UFSJ/MG.
E-mail vanesssamaia@gmail.com

Resumo: Este texto se ocupa das interrupções que estão sendo feitas aos jornalistas de televisão, quando estes precisam cobrir a pandemia da Covid-19. A interrupção é entendida como um complicador a mais nas variáveis com as quais os repórteres precisam lidar quando estão noticiando de locais públicos e/ou abertos. Os gestos de interrupção são realizados, em geral, por pessoas do público que não concordam com medidas de combate à pandemia, tais como o isolamento social. Na maioria das vezes, as interrupções são ampliadas, porque o repórter entra ao vivo de sua praça para sua rede e, posteriormente, essas práticas passam a ser veiculadas em canais de compartilhamento de vídeos como YouTube, Facebook, Twitter e Instagram. As repetidas práticas de interrupção surpreendem os profissionais, os estúdios e as audiências, colocando-nos diante do sentimento de incômodo, que deixa de afetar apenas os jornalistas, mas a todos aqueles que assistem os telejornais em casa.

Palavras-chave: : telejornalismo – interrupção de coberturas – Covid-19

¹ Professora/Pesquisadora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ/MG. E-mail vanesssamaia@gmail.com

1. Introdução

Vivemos um tempo em que a morte não causa mais espanto. Nos últimos meses, somos informados de que morrem, em média, mil pessoas por dia no Brasil em decorrência da pandemia de Covid-19². Em meio ao cenário de adoecimento da população, à saturação dos hospitais e à falta de medicamentos para o acompanhamento dos brasileiros contaminados pela doença³, o país presencia um outro cenário de incômodo que é a agressão dos profissionais que trabalham nos serviços decretados essenciais no combate à pandemia. Médicos, enfermeiros, guardas municipais, agentes dos serviços de vigilância sanitária dos estados e jornalistas⁴ lidam com a interrupção de seus trabalhos feita por uma parte da população que se recusa a seguir as recomendações de especialistas e da Organização Mundial de Saúde⁵ que prescrevem medidas de proteção coletiva como o isolamento social, o uso de máscaras e o distanciamento.

Diante de um cenário tão complexo e não desconsiderando os desafios que todos os trabalhadores das atividades essenciais enfrentam nesta pandemia, vamos focar neste texto as dificuldades que os repórteres de telejornalismo têm encontrado para exercer suas atividades a partir do fenômeno das constantes interrupções que estão sendo feitas, por parte de pessoas da população, quando precisam entrar com a notícia de locais públicos e/ou abertos.

Iniciamos esse artigo apresentando uma contextualização que se organizará em três eixos. O primeiro aborda o cenário atual da profissão dos jornalistas no Brasil, após as eleições de 2018, com a chegada do presidente Jair Bolsonaro ao poder. O segundo eixo ocupa-se da apresentação dos dados de uma pesquisa feita pelo Centro de Pesquisa

² Fonte: Consórcio de veículos de imprensa, disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/24/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-24-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

³ Coronavírus: Falta medicamento para sedar e intubar pacientes. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/estado/2020/06/04/coronavirus-falta-medicamento-para-sedar-e-intubar-pacientes.htm>. Acessado em 25 de julho de 2020.

⁴ DECRETO Nº 10.282, DE 20 DE MARÇO DE 2020 Presidência da República/Secretaria Geral /Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10282.htm. Acessado em 25 de julho de 2020.

⁵ Combinar distanciamento social, máscaras e higiene das mãos é melhor estratégia para combater Covid-19, mostra estudo. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/21/combinar-distanciamento-social-mascaras-e-higiene-das-maos-e-melhor-estrategia-para-combater-covid-19-mostra-estudo.ghtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

de Comunicação e Trabalho da USP, sobre como trabalham os comunicadores em tempos da pandemia de covid-19 (FIGARO et al., 2020).

Nesta parte também vamos abordar a questão do sofrimento emocional pelo qual passam os profissionais de imprensa a partir dos estudos de “sofrimento ético” de Thales Vilela Lelo (2019). No terceiro eixo desse texto, apresentaremos a amostra do material analisado, composta por cinco vídeos de interrupções e por um vídeo⁶ dos bastidores da gravação de uma reportagem sobre a contaminação por Covid-19 por militares da Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), localizada em Barbacena, Minas Gerais. Consideramos este vídeo, filmado com celular pela repórter do texto, porque se trata de uma amostra emblemática do assunto que estamos tratando. Nele, a interrupção eleva o tom e assume o caráter de agressão ao cinegrafista, que saiu lesionado.

2. O cenário da imprensa no governo Jair Bolsonaro

Carlo Ginzburg (1989) nos propõe pensar que a ideia da narração tenha nascido a partir de uma sociedade de caçadores que começaram a observar as pistas e os sinais deixados em caminhos por onde as pessoas transitavam. É preciso, segundo este autor, pensar que o conhecimento pode ser engendrado a partir de observações atentas ao tempo e ao local onde se pisa e se exerce a vida (Ginzburg, 1989. p. 152). Desta forma, o conhecimento, constituído a partir da atenção às minúcias e detalhes aparentemente negligenciáveis, pode nos situar dentro de um contexto de realidade complexa. Na trilha de Ginzburg, vamos iniciar nosso trajeto nos episódios envolvendo o governo Bolsonaro e seu relacionamento com a imprensa para contextualizar nossa intenção inicial desse estudo, que é o de pensar as interrupções (e em algumas vezes) agressões ao trabalho dos jornalistas de televisão.

Como marcador inicial dessa trajetória temos a cerimônia de posse, que foi, no nosso entender, o ‘sinal’ para o início do desrespeito ao trabalho da imprensa. Na cobertura da posse, a primeira experiência que os jornalistas tiveram com o novo governo foi a do cerceamento de liberdades e do direito de ir e vir. Nesse evento, os profissionais foram obrigados a chegar às sete da manhã para uma cerimônia que só começaria a par-

⁶ Todo o material foi baixado da internet pelas redes de compartilhamentos de vídeos YouTube, Facebook e Instagram, após serem levadas ao ar, no momento em que as redes chamaram o ao vivo.

tir de uma da tarde. Foram impedidos de circular livremente pelos ambientes e passaram por privação de água. A atitude com os repórteres da imagem foi ainda mais incisiva. Estes foram ‘aconselhados’ a não realizarem ‘movimentos bruscos’ com as câmeras porque poderiam ser alvo de atiradores de elite.⁷ Como justificativa, o cerimonial da presidência informou aos jornalistas era “uma posse diferenciada e todos têm que entender isso”.

No dia seguinte à extenuante cobertura da posse de Bolsonaro, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) emitiu nota de repúdio alegando que a segurança autoritária e abusiva tinha o objetivo de tornar difícil o trabalho da imprensa, além de cercar a circulação da livre informação. Os emblemas (camisas e bandeiras do Brasil, bandeiras dos Estados Unidos e de Israel) e os sinais (discursos autoritários, forte contingente de seguranças armados e slogans que misturavam proselitismo e ufanismo: *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*) já anunciavam o que estava por vir.

A rotina do novo presidente eleito passa a incluir saídas matinais no Palácio do Planalto onde ele se encontra com apoiadores e com a imprensa. No ‘cercadinho”, como ficou conhecida a área restrita para contato de Bolsonaro com o povo, a imprensa comparece para entrevistar o presidente sobre questões nacionais às quais ele não está disposto a falar. Diariamente, presenciamos, via telejornais, o desrespeito no tratamento aos profissionais, com insultos: “pergunta pra sua mãe”⁸ ; racismo e escárnio⁹, com um ‘humorista’ distribuindo bananas para a imprensa, xingamentos ao jornal *Folha de S. Paulo*, veículo ao qual atribuiu os insultos de ‘canalha’, ‘patife’ e ‘mentiroso’ e autoritarismo, com o derradeiro e emblemático “cala a boca!”¹⁰. Após as constantes agressões realizadas pelo presidente, que incentivava seus seguidores a fazerem o mesmo, alguns

⁷ Novo governo desrespeita jornalistas e ameaça liberdade de imprensa. Nota Oficial Fenaj. Disponível em <https://fenaj.org.br/novo-governo-desrespeita-jornalistas-e-ameca-liberdade-de-imprensa/>. Acessado em 25 de julho de 2020.

⁸ Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/pergunta-para-a-sua-mae-diz-bolsonaro-a-jornalista-sobre-caso-queiroz/>. Acessado em 25 de julho de 2020.

⁹ Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/04/interna_politica,832057/bolsonaro-responde-imprensa-por-meio-de-humorista-o-que-e-pib.shtml. Acessado em 25 de julho de 2020.

¹⁰ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-manda-reporteres-calarem-a-boca-ataca-a-folha-e-nega-interferencia-na-pf.shtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

veículos de imprensa como Grupo Globo e Folha¹¹ retiraram seus profissionais da cobertura do ‘cercadinho’ Palácio da Alvorada.

A pandemia de Covid-19 chega ao país, com o presidente negando a gravidade da situação. Diante de uma nação atônita com o número de mortes, ele disse: ‘eu não sou coqueiro’¹². Nessa época, o país contabilizava ‘apenas’ 2.575 óbitos decorrentes da doença. Hoje, no momento em que esse texto é escrito, já somamos mais de 90 mil mortos. Crescia com a contaminação e o número de mortos, a insistência do presidente em sair sem máscara de proteção, parar em locais públicos e causar aglomerações¹³. Tornaram-se também constantes no país atos antidemocráticos que apoiavam o presidente, pediam a volta da ditadura militar, do AI5 e o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal de Justiça. Nestas manifestações, novas agressões aos profissionais da imprensa, sendo a equipe do jornal *O Estado de São Paulo*, atingida por chutes, muros, empurrões e rasteiras¹⁴.

Os inúmeros sinais (Ginzburg, 1989) emitidos pelo presidente Bolsonaro nos faz inferir que as agressões aos jornalistas foram produções de um discurso que se manifestou nas mais diversas práticas, uma vez que, para Foucault (1999), o discurso é o que desejamos. É o próprio poder que desejamos ter. “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1999. p. 10).

3. Comunicadores em tempos de Covid-19 e o sofrimento ético

Em um mercado profissional que se precariza a cada dia e que conta com tanta oferta de mão de obra, é possível entender os motivos pelos quais os jornalistas não rea-

¹¹ Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/26/interna_politica.858249/apos-agressoes-jornais-decidem-nao-enviar-mais-jornalistas-ao-alvorad.shtml. Acessado em 25 de julho de 2020.

¹² Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coqueiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

¹³ Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/03/29/interna_politica.1133555/bolsonaro-visita-farmacia-padaria-e-posto-de-gasolina-em-brasilia.shtml. Acessado em 25 de julho de 2020.

¹⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/03/profissionais-de-imprensa-sao-agredidos-durante-manifestacao-antidemocratica-com-a-presenca-de-bolsonaro.ghtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

giam aos insultos no ‘cercadinho’. Essa contínua precarização de muitos postos de trabalho, com a dispensa de muitos profissionais com carteira assinada e a atuação de profissionais autônomos, contribui para um cenário sem muitas possibilidades de reação. Sendo assim, a iniciativa de cessar as humilhações depois de tantas ocorrências veio das empresas de comunicação, que alegaram falta de segurança aos seus profissionais. Importante ressaltar que a reação das empresas só veio depois que estas foram expostas nominalmente e publicamente por Bolsonaro.

Há em todos esses episódios de humilhação e subordinação um “sofrimento ético” dos profissionais, tão bem apresentado por Thales Vilela Lelo (2019). Para este autor, esse tipo de sofrimento ocorre quando os jornalistas vivenciam situações consideradas por eles como infrações à ética profissional e aos códigos deontológicos da profissão e ainda, quando sentem que seu poder de ação diante dos fatos está reduzido, quando não, impossibilitado (TALES, 2019, p. 11).

Com base na pesquisa *Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia de COVID-19?* Realizada pelo Centro de Pesquisa Comunicação & Trabalho, da Escola de Comunicação da USP, sob coordenação da professora Roseli Figaro, entende-se que a pandemia revelou um cenário paradoxal para os profissionais da comunicação no país. Ao mesmo tempo em que os jornalistas percebem sua atuação como essencial, pois as informações prestadas e o acesso aos especialistas garantem à população segurança para agir em sua prevenção, há “um quadro bastante dramático para o mundo do trabalho dos comunicadores: demissões, contratos precários, rebaixamento salarial, densificação do trabalho, todo tipo de estresse, além do quadro de incertezas sobre o futuro” (FIGARO et al., 2020, p. 10).

O estudo, detalhado e muito consistente,¹⁵ mostra que o trabalho dos jornalistas se intensificou na pandemia de Covid-19 e que a maioria dos trabalhadores de comunicação está trabalhando em regime de home office, em condições desconfortáveis,

¹⁵ Esta pesquisa foi realizada no período de 05 a 30 de abril deste ano com 554 profissionais que atuam em 24 estados brasileiros, no Distrito Federal e em Portugal. A metodologia utilizada foi um questionário, feito na plataforma Google, com questões de múltipla escolha e questões abertas. Os respondentes se voluntariaram para a pesquisa. O conceito de comunicadores utilizado na pesquisa não se restringe aos Jornalistas, apenas. No estudo, os profissionais declararam suas profissões e áreas de atuação. Sendo assim, a amostra é composta de Jornalistas (61%); Repórteres (5,6%); Professores Universitários (5,0%); Publicitários (4,1%); Editores (0,9%); Relações Públicas (2,0%); Assessor de Imprensa (1,8%); Assessor de Comunicação (3,1%); Empresários (2,0%) e Estagiários (1,0%).

utilizando energia, pacotes de internet, equipamentos e programas de computador próprios. A questão do sofrimento ético, destacado por Lelo (2019), volta a aparecer quando os profissionais precisam lidar diretamente com situações inerentes aos temas da cobertura da pandemia, como a saturação do Sistema Único de Saúde (SUS), as questões do afastamento social e do contágio, que pode prejudicar seus familiares, além das inúmeras mortes que precisam noticiar. Na pesquisa, estão bem delineados dois principais fatores que afligem os jornalistas na cobertura da atual crise da pandemia: eles temem ser contaminados pelo vírus e contaminarem suas famílias; eles também temem perder os empregos e a renda.

4. Jornalistas de tv na cobertura da pandemia de Covid-19

O estudo coordenado por Fígaro et al (2019, p. 42) mostra ainda que os repórteres de televisão são impactados por um estresse adicional, que ocorre em função da jornada mista de trabalho – parte em casa e parte na rua. Em situações ordinárias de trabalho (fora da pandemia), os repórteres de televisão contam com o auxílio da equipe de produção de tv, que encaminha, já na pauta que repórter vai cobrir, as informações indispensáveis sobre o assunto, como data da ocorrência, desdobramentos, fontes a serem entrevistadas para entendimento do tema a ser tratado. Já na cobertura do ao vivo, é na rua que os repórteres buscam os detalhes, conversam com as fontes, apuram melhor os fatos e entrevistam pessoas implicadas naquele acontecimento. As entradas ao vivo são sempre muito bem pensadas, tanto do ponto de vista jornalístico, quanto do ponto de vista técnico (som, alcance do sinal, etc). Contudo, segundo Motta e Rublescki (2013, p. 05), a entrada ao vivo sempre conta com o caráter da imprevisibilidade e na cobertura da pandemia, o estresse dos profissionais se agrava pelo medo da exposição à rua, uma vez que o ao vivo ocorre em situações de aglomerações, como portarias de hospitais e filas da Caixa Econômica Federal. Acrescentamos a todos esses elementos, as interrupções nas atuações dos jornalistas de TV durante o trabalho de transmissão das informações que, na maioria das vezes, são realizadas por pessoas da população que resistem em aceitar a letalidade da doença e as regras de isolamento social. Estas interrupções

são um fator a mais que passa a fazer parte das “imprevisibilidades” das coberturas de televisão no cenário de pandemia.

Passamos agora a apresentar seis vídeos que compuseram a amostra do assunto que nos dedicamos a abordar. Cinco vídeos tratam das interrupções dos trabalhos dos repórteres e um outro vídeo mostra os bastidores de gravação de uma reportagem sobre a contaminação de Covid-19 na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), em Barbacena, MG. O motivo para a inclusão deste vídeo, foi o fato de a interrupção do trabalho ter sido levada à condição de agressão. Todo material foi baixado da internet, a partir de redes de compartilhamentos de vídeos como o Youtube, Facebook, Twitter e Instagram. Todos os vídeos foram produzidos pela Rede Globo ou suas afiliadas. Outro elemento que precisa ser considerado é a curta temporalidade das gravações que, em geral, foram registradas por celulares dos repórteres ou das próprias pessoas, no momento das abordagens ou interrupções. Estes materiais estão em estado bruto e não trazem informações adicionais sobre sua existência, uma vez que não tivemos contato com os profissionais implicados nos acontecimentos. A única exceção ocorre com o 6º vídeo, porque a agressão aos profissionais foi divulgada pela imprensa. A amostra, como mencionado anteriormente, foi um recorte do que pôde ser acessado pela internet, a partir dos compartilhamentos. Deparamo-nos aqui com o que Coutinho (2016) afirma, a partir de partir de Brasil e Frasnão (2012), sobre a dificuldade e desafios de acessar os acervos das emissoras de televisão. Esta dificuldade, segundo esta autora, tem sido contornada a partir de gravações de materiais direto dos canais de tv ou a partir do recurso de busca em sites de compartilhamento de vídeos disponíveis na internet (COUTINHO, 2016, p.12). Este último foi o recurso que utilizamos para obtenção de nossas amostras.

5. Caminhando com uma proposta metodológica

Para analisar o material selecionado procuramos compor com os estudos de Laurence Bardin (2011) que nos oferece um instrumental metodológico para avaliar componentes diversos, capaz de orientar nossa observação para a ocorrência das frequências do fenômeno, estruturas que podem se organizar em modelos e a possibilidade da inferência, que pode ser baseada na dedução (Bardin, 2011, p. 15).

Quadro 1 – Vídeos com interrupções de jornalistas

Vídeo Anali- sado e Emis- sora	Situação	Assun- tos/Temas	Palavras de Interrupção
Vídeo 1 -TV Integração (afiliada Rede Globo)	Rua. Repórter e Cine- grafista seguidos por um homem	Não chegou a ser mencionado porque a equipe tentava sair da situação	Se prepara que eu sou defensor do povo. Eu tô aí para isso mesmo. Abaixo a Rede Globo
Vídeo 2- TV Bahia (afi- liada Rede Globo)	Rua. Repórter aparece gravada em vídeo do celular da pessoa que a abordou	A repórter é questionada pelo fato de estar trabalhando na rua	Aí, ó. Andréia Silva./. Traba- lhando normal, Andréia Silva./ mas o povo não pode./ não! Você está trabalhando normal. Mas o povo não pode. Você deve estar recebendo o seu salário normal e a emissora quer que o país pare, não é ?/ Você não recebe seu salário normal? E o povo não pode trabalhar, né? Lá na sua casa deve ser bem confortável ficar dentro de casa. Agora o povo tá (sic) passando fome./ quer que eu te leve ali? Numa casa onde as pessoas es- tão passando necessidade?
Vídeo 3 - Rede Globo São Paulo	Rua. A repórter entra ao vivo em frente à agência da Caixa Eco- nômica Federal falan- do da fila do auxilio emergencial. Homens saem da fila e inva- dem o ao vivo. As imagens voltam para o estúdio, onde o jorna- lista Cesar Tralli re- toma o que estava sendo tratado.	Auxílio Emer- gencial, filas, Caixa Econômi- ca Federal	Globo Lixo! Globo Lixo!
Vídeo 4 - Rede Globo Rio de Janeiro	Rua. Um repórter tenta passar informa- ção sobre o auxílio emergencial. Mas não consegue porque é interrompido por uma mulher que atravessa a rua, atrás do repórter e começa a gritar. As imagens voltam para o	Auxílio Emer- gencial	Globo Lixo! Globo Lixo! Vocês são uns lixo! A população está agonizando.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
 3 a 6 de Novembro de 2020

	estúdio, mas as imagens da rua ainda estão na tela. A mulher ainda grita para as câmeras, ao lado do repórter		
Vídeo 5 - Rede Globo São Paulo	Rua. O repórter Renato Peters entra ao vivo da frente do Hospital Vila Nova Cachoeirinha, em São Paulo. O assunto é Covid-19. Ele tem o microfone arrancado das mãos por uma mulher que o interrompe. As imagens voltam para o estúdio e o apresentador César Tralli, surpreso e contrangido pede desculpas.	Covid-19. Como conseguir informações com o hospital.	A Globo é um lixo! O Bolsonaro tem razão.
Vídeo 6 - TV Integração (afiliada Rede Globo)	Rua. Um cinegrafista é atacado por um homem que puxa o tripé da câmera e tenta danificá-lo. Com uma das mãos, o repórter segura a câmera e com a outra mão tenta se defender. O homem tenta dar socos no cinegrafista. Depois ele tenta jogar o tripé na rua. O cinegrafista sai, vai para o meio da rua. O homem chuta a câmera. Depois olha para a repórter de texto que está filmando no celular.	Não chegou a ser mencionado porque o cinegrafista foi agredido. Soubemos depois, por matérias na imprensa que se tratava de uma cobertura sobre o contágio por Covid-19 na EPCAR.	(voz da repórter) ô gente dá para alguém ajudar ali, fazendo um favor! Ô que que é isso, velho? A câmera é cara! Cê tá doido?) (voz do cinegrafista) cê tá filmando aí? (voz da repórter) filmei, uai. Não foi possível ouvir as palavras do agressor, que saiu falando e andando pelo meio da rua.

Para iniciar a análise dos vídeos a partir da metodologia da análise de conteúdo, formulamos quatro categorias: (1)- o vídeo selecionado e as emissoras para as quais os profissionais abordados trabalhavam; (2)- o local em que se encontravam os profissionais enquanto trabalhavam e a situação que passaram; (3)- os assuntos/temas que estavam sendo enfocados e (4)- as palavras de interrupção que surpreendiam os profissionais.

As seleções dessas categorias foram feitas a partir das orientações do método de Bardin (2011). Todos os vídeos trazem abordagens de repórteres de televisão seja em situação de constrangimento, seja em situação de interrupção, ações que caracterizamos como frequência de fenômenos. Em todos os vídeos a ação dos repórteres era repudiada, seja com comentários ou interrupções - a partir de gritos e palavras depreciativas. Essas ocorrências similares, nós também caracterizamos como frequência de fenômenos. Os vídeos, em seu conjunto, podem ser configurados como uma composição de modelos de situação, pois se constituem em duas categorias: interrupções com assédios e agressões aos profissionais e interrupções a partir de insultos desferidos contra a emissora.

A temática dos seis vídeos foi a mesma: a cobertura da pandemia de Covid-19 e seus desdobramentos, caso do auxílio emergencial. Essa observação nos fez reunir também esses vídeos em modelos de conteúdo. Já as palavras de interrupção do trabalho, foram classificadas como modelos de agressão. Utilizamos essa expressão forte porque entendemos que existiu uma variação de grau, que foi da conversa intimidadora à agressão. Mas não houve uma variação de natureza do fenômeno, que foi a reação contrária ao trabalho da imprensa.

Todos os vídeos selecionados, e precisamos explicar que essa seleção ocorreu tão somente pelo material disponível na internet, foram da Rede Globo de Televisão e de suas afiliadas. Da Rede Globo de Televisão foram três, dois da Globo São Paulo e um da Globo Rio. Os outros três foram das afiliadas. Dois da TV Integração e um da TV Bahia.

Dos seis vídeos, dois (TV Integração e TV Bahia) não conseguiram demonstrar o conteúdo que seria tratado pelos profissionais porque as duas equipes foram perseguidas e assediadas. Nos outros três vídeos, o conteúdo abordado foi o auxílio emergencial (Globo São Paulo e Globo Rio) e informações sobre pacientes contaminados por Covid-9 no hospital (Globo São Paulo). O sexto vídeo (TV Integração) abordaria o contágio por corona vírus na Escola de Cadetes do Ar (EPCAR), localizada em Barbacena, mas a matéria nem chegou a ser gravada, porque a equipe foi agredida com socos e empurrões por um homem. Soubemos sobre o assunto que seria tratado, posteriormente, a partir da imprensa. Nos seis vídeos, consideramos três tipologias de interrupção de trabalhos, classificadas como assédio/ameaça, gritos de guerra e agressões.

Na tipologia assédio/ameaça temos, no vídeo 1 da TV Integração, afiliada à Globo, temos como: “Se prepara que eu sou defensor do povo. Eu tô aí para isso mesmo. Abaixo a Rede Globo”. Ainda na categoria assédio/ameaça temos, no vídeo 2, da TV Bahia, afiliada à Globo, os termos: “Andréia Silva. Trabalhando normal. Mas o povo não pode. Você está trabalhando normal. Você deve estar recebendo o seu salário normal e a emissora quer que o país pare, não é? Você não recebe seu salário normal? E o povo não pode trabalhar, né? Lá na sua casa deve ser bem confortável ficar dentro de casa. Agora o povo tá (sic) passando fome. Quer que eu te leve ali? Numa casa onde as pessoas estão passando necessidade?”

Na tipologia gritos de guerra, temos os vídeos 3; da Globo São Paulo, com as frases: Globo Lixo! O vídeo 4, da Globo Rio de Janeiro, com os gritos Globo Lixo! A população está agonizando! O vídeo 5, da Globo São Paulo, com o grito: a Globo é um lixo! O Bolsonaro tem razão. E, por último, na tipologia agressões temos o vídeo 6, da TV Integração, afiliada Globo, as súplicas dos jornalistas: “ô gente dá para alguém ajudar ali, fazendo um favor! Cê tá doido? Cê tá filmando aí? Filmei, uai. Não foi possível ouvir as palavras do agressor, que saiu falando e andando pelo meio da rua.

6. Conclusão

Concluimos esse texto afirmando que as interrupções aos trabalhos dos repórteres de televisão são uma batalha pela posse do discurso. Entendemos esses assaltos, essa tomada da voz do outro, como uma ação que deseja se impor com o uso da força. Para qualquer modalidade da palavra ‘força’ que pudermos pensar temos exemplos nos vídeos que nos destinamos a analisar. Entendemos também que essas ações interruptivas também são ações que atuam em um movimento duplo: ao mesmo tempo em que se impõe, retira do outro, no caso o repórter, o direito de se expressar, de trabalhar, de informar. Esse discurso interruptivo, que precisa ser gritado e imposto, não tem vergonha de ser o que é, nem de elogiar quem elogia. Não tem vergonha de contrariar anos de pesquisas científicas das áreas biológicas, epidemiológica, matemáticas e médicas. Pelo contrário, essa atitude de interromper o discurso que não agrada, é o que se deseja. As pessoas interferem no trabalho da imprensa a partir de gritos de guerras e de uma lógica religiosa que não pensa, apenas acredita. O discurso é o poder do qual querem se apode-

rar, disse-nos Foucault (1999). As interrupções dos trabalhos com outros discursos não traduzem nenhum conflito subjacente. Antes, são o próprio conflito, a própria luta, a instalação de um poder que não é legítimo porque precisa ser extraído à força, silenciando contrários. Tudo isso traz sofrimentos para os profissionais de tv que trabalham na cobertura da pandemia de Covid-19 no Brasil. Sofrimento laboral, sofrimento ético e sofrimento corporal.

Referências

Após agressões, jornais decidem não enviar mais jornalistas ao Alvorada. Correio Brasileiro, 2020. Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/26/interna_politica,858249/apos-agressoes-jornais-decidem-nao-enviar-mais-jornalistas-ao-alvorad.shtml. Acessado em 25 de julho de 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

Bolsonaro manda repórteres calarem a boca, ataca a Folha e nega interferência na PF. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-manda-reporteres-calarem-a-boca-ataca-a-folha-e-nega-interferencia-na-pf.shtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

Bolsonaro visita farmácia, padaria e posto de gasolina em Brasília. Estadão Conteúdo, São Paulo, 2020. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/03/29/interna_politica,1133555/bolsonaro-visita-farmacia-padaria-e-posto-de-gasolina-em-brasilia.shtml. Acessado em 25 de julho de 2020.

Brasil passa de 85 mil mortes por Covid-19 e tem média de 1.065 por dia na última semana. G1, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/24/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-24-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

CAMBRICOLI, Fabiana. **Coronavírus: Falta medicamento para sedar e intubar pacientes.** Estadão Conteúdo, 2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/estado/2020/06/04/coronavirus-falta-medicamento-para-sedar-e-intubar-pacientes.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado em 25 de julho de 2020.

Combinar distanciamento social, máscaras e higiene das mãos é melhor estratégia para combater Covid-19, mostra estudo. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/21/combinar-distanciamento-social-mascaras-e-higiene-das-maos-e-melhor-estrategia-para-combater-covid-19-mostra-estudo.ghtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

COUTINHO, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível.** Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acessado em 25 de julho de 2020.

DECRETO Nº 10.282, DE 20 DE MARÇO DE 2020 Presidência da República/Secretaria Geral /Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10282.htm. Acessado em 25 de julho de 2020.

Equipe de jornalismo da TV Integração é agredida e cinegrafista ferido em Barbacena. G1 Zona da Mata, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2020/05/20/equipe-de-jornalismo-da-tv-integracao-e-agredida-e-cinegrafista-ferido-em-barbacena.ghtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Edições Loyola, São Paulo, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

Gomes, Pedro Henrique. **'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus.** G1, Brasília, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

LELO, T. V. **O sofrimento ético no mundo do trabalho dos jornalistas.** E-Compós, v. 23, p. 1-20, 20 dez. 2019. Disponível em <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1843>. Acessado em 25 de julho de 2020.

MOTTA, Juliana; RUBLESCKI, Anelise. **Cobertura ao Vivo em Televisão: o Improviso e o Testemunho em Situações de Tragédia.** Anais do V SIPECOM – Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação. UFSM, 2013. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Disponível em http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wp-content/uploads/gravity_forms/1-997169d8a192ed05af1de5bcf3ac7daa/2013/08/Motta-Rublescki-V-Sipecom.pdf. Acessado em 01 de agosto de 2020.

Novo governo desrespeita jornalistas e ameaça liberdade de imprensa. Nota Oficial Fenaj. Disponível em <https://fenaj.org.br/novo-governo-desrespeita-jornalistas-e-ameca-liberdade-de-imprensa/>. Acessado em 25 de julho de 2020.

‘Pergunta para a sua mãe’, diz Bolsonaro a jornalista sobre caso Queiroz. Veja, 2020. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/pergunta-para-a-sua-mae-diz-bolsonaro-a-jornalista-sobre-caso-queiroz/>. Acessado em 25 de julho de 2020.

Profissionais de imprensa são agredidos durante manifestação antidemocrática com a presença de Bolsonaro. G1, Brasília. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/03/profissionais-de-imprensa-sao-agredidos-durante-manifestacao-antidemocratica-com-a-presenca-de-bolsonaro.ghtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

Relatório dos resultados da pesquisa [recurso eletrônico]: **como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?** Roseli Figaro (Coord.). – São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível em http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/publicacoes_cat_autor/roseli-figaro/. Acessado em 25 de julho de 2020.

SOARES, Ingrid. **Bolsonaro responde imprensa por meio de humorista: "O que é PIB?"**. Correio Brasiliense, 2020. Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/04/interna_politica,832057/bolsonaro-responde-imprensa-por-meio-de-humorista-o-que-e-pib.shtml. Acessado em 25 de julho de 2020.

Veja frases de Bolsonaro durante o 1º mês de coronavírus no Brasil. G1, 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/26/frases-bolsonaro-coronavirus.ghtml>. Acessado em 25 de julho de 2020.

VERÓN, Eliseo. **Fragments de um tecido.** São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

Virei Jornalista. **A difícil missão de ser jornalista no Brasil.** Disponível em <https://twitter.com/VireiJornalista>. Vitória, 25 de julho de 2020. Twitter: usuário <https://twitter.com/VanessaMaia>.